

## A Importância de Ser Oscar Wilde

Oscar Wilde escreveu peças, poemas e romances onde abundam aforismos, epigramas e paradoxos. Por duas vezes, para jovens e «pessoas demasiado educadas», compôs directamente alguns aforismos.

Soube como mais ninguém brincar elegantemente com as ideias e, em certos casos, temos a impressão de que a lucidez dos seus pensamentos é o resultado inesperado desse estilo. E segundo notou J. L. Borges, «é um facto comprovável e elementar que Wilde quase sempre tem razão».

São, contudo, necessárias algumas precauções para ler nos fragmentos que se seguem o pensamento de Wilde sobre arte, crítica, sociedade, ética ou amor.

Às vezes, como ele próprio reconheceu, não resistia à tentação de «abandonar a verdade» para embelezar uma epígrafe e não raras vezes se deixou deslumbrar pela acrobacia de um paradoxo.

Temos ainda de devolver as suas frases às personagens de obras de ficção. Wilde tinha cumplicidade com a maioria delas e uma pose de insinceridade que lhe permitia fazê-lo. Mas atribuir-lhe os pensamentos de Lady Windermere ou mesmo os de Dorian Gray seria como atribuir as reflexões de Raskolnikov a Dostoievski ou as de Verloc a Conrad.

Na primeira e mais criativa fase da sua vida, Oscar Wilde frequentou apenas aquilo a que viria a chamar «um lado do jardim», colhendo o prazer onde mais lhe agradava.

Mas, devido a um processo judicial que todos conhecem, há uma ruptura na sua vida e modo de pensar, algures entre o nascimento

em Dublin em 1854 e a morte no exílio parisiense do Hôtel d'Alsace, em 1900.

## Ascensão

Wilde foi o segundo filho de um casal irlandês, residente em Dublin. O pai, William Wilde, era um oftalmologista que recolhia contos folclóricos, e Jane Elgee, a mãe, publicava poesia e ardentemente artigos independentistas. Decepcionada por o segundo filho ser um rapaz, Jane vestiu-o muito tempo com as roupas da rapariga que desejara ter.

Não é de estranhar que, com um nome saído das lendas irlandesas, Oscar Wilde tenha obtido prémios de escrita na Royal School e revelado interesse pela Grécia Clássica. Em 1871 recebeu uma bolsa para frequentar o Trinity College de Dublin, onde começou a construir a sua *persona*, com o culto dos pré-rafaelitas, as roupas de *dandy* e o desafio às convenções. Segundo diz Yeats nas suas memórias, Wilde tinha vocação política e só a corrupção do espírito inglês daqueles anos o levou a trocar a acção pela crítica, a política pelo palco e o *slogan* pela epígrafe.

É neste período que Wilde conhece as obras de Keats, Flaubert e Pater, embora, como disse mais tarde, já houvesse percorrido mais de metade do caminho quando os encontrou. Três anos depois está a frequentar Estudos Clássicos em Oxford, onde a sua ambiguidade sexual e esteticismo provocam escândalo, mas sem lhe concederem o destino de Shelley, que dali havia sido expulso algumas décadas antes.

É influenciado por dois professores de Belas-Artes, John Ruskin e Walter Pater.

Wilde vai procurar um caminho próprio entre o sensualismo de Pater, que celebra as experiências hedonistas da vida e da arte e cuja referência é o helenismo, e a estética de Ruskin, influenciada pela espiritualidade religiosa.

A sua evolução nada terá de linear. Estuda filósofos como Platão, Aristóteles ou Kant, deixando-se, mais tarde, influenciar pelo decadentismo francês. Procura um ideal estético de modernidade,

na incerta viragem do século XIX para o XX, onde os valores espirituais asfixiam sob o peso da moral vitoriana e os interesses da indústria e do Império.

Em 1877 visita a Grécia e depois Roma, onde o seu milionário amigo Hunter Blair lhe consegue uma audiência privada com Pio IX, esperando convertê-lo ao catolicismo. De regresso ao hotel, Wilde dedica apenas um apressado soneto ao papa e, mais tarde, ao passar junto do cemitério protestante, insiste em se ajoelhar junto ao túmulo de Keats. A sua única religião será a arte.

A primeira incursão que faz em Londres é na inauguração da Grosvenor Gallery, onde as suas roupas e conversa atraem a atenção dos participantes, entre os quais Henry James, Gladstone e Ruskin. O texto que Wilde escreve sobre a exposição é o primeiro em prosa que publica.

Dois anos depois está a residir em Londres, onde se tornará conhecido pelo brilho das conversas e a frequência dos teatros. Escreve *Vera, ou Os Nilistas*, que não chega a ser representada, e em 1881 publica *Poems*, cujo erotismo pagão lhe garante notoriedade. Torna-se amigo de atrizes de teatro e de Whistler, conhecido pelas suas pinturas da Londres nocturna.

Sucedem-se várias obras teatrais, entre as quais *Paciência*, cujo acolhimento por um produtor nova-iorquino permite a Wilde viajar para os Estados Unidos em Janeiro de 1882 (ele próprio é uma das personagens do livro). O narcisismo leva-o a mostrar-se decepcionado com o Atlântico, «não tão majestoso como esperava». Faz uma série de conferências sobre esteticismo, aperfeiçoa a arte de fazer falar de si e conhece Walt Whitman, que admira (vê nele «mais influência grega que em qualquer outro poeta moderno»).

No regresso à Europa viaja até Paris, onde escreve *A Duquesa de Pádua*.

Oscar Wilde levava uma vida bastante mais faustosa do que a sua fortuna lhe permitia. Em 1884, casa com Constance Lloyd, uma herdeira inteligente e culta, interessada em literatura infantil e de quem teve dois filhos. A partir de 1886, Wilde assume abertamente a sua homossexualidade, o que o leva a sentir-se culpado perante Constance e eroticamente mais livre, e se traduz num intenso surto criativo. Mas, ao contrário do que hoje pretendem al-